

TEOLOGIA E UTOPIA: A MEMÓRIA POLÍTICA-RELIGIOSA DO MONSENHOR LUIGI PESCARMONA – Francisco Fagundes de Paiva Neto*

Eu tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, estive nu e me vestistes, preso e estivestes comigo, doente e me visitastes, peregrino e sem terra e trabalho e me acolhestes (Mateus 25)

A razão da escolha dessa epígrafe se refere a uma tentativa de reabertura por parte da Igreja a uma tradição dos primeiros tempos do cristianismo, fase cuja religião possuiu um sentido mais comunitário, ao invés de institucional, que tomou corpo a partir das aproximações com o Estado no Império Romano. A partir daí o processo de institucionalização da Igreja ganhou contornos mais definidos, representando, destarte, uma instância privilegiada na dinâmica política ao longo da história ocidental.

Na década de 1960 aportaram no Brasil vários grupos de religiosos estrangeiros, mormente europeus, que se estabeleceram nas mais variadas regiões do país. Muitos desses padres chegaram aos trópicos imbuídos de uma ação clerical orientada pelos princípios do Concílio do Vaticano II (1962-1965), caracterizado pelo ecumenismo e pela descentralização, resultando em choques com os ditames do catolicismo tradicional, o do Vaticano I, mais afeito ao centralismo, especialmente pelas tensões originadas com os grupos políticos, econômicos e religiosos estabelecidos.

Realizamos um trabalho de história oral de vida com um padre italiano chamado Luigi Alberto Pescarmona, cuja primeira área de atuação foi em Teófilo Otoni (MG), onde acompanhou as populações de trabalhadores das minas. Esses trabalhadores tenderam a realizar migrações devido a crise do setor minerador, elegendo como destino a região Norte do Brasil. Algumas questões nortearam a nossa abordagem: como se deu a militância política de um padre estrangeiro no agreste paraibano nas décadas de 1980 e 1990? Quais os limites desta prática nas fronteiras dos campos político e religioso? Objetivamos analisar como se deu a prática de um agente da Teologia da Libertação (TL) em uma área pautada pelo catolicismo tradicional.

A INTERAÇÃO DIALÓGICA E OS PERCURSOS DA HISTÓRIA ORAL

O nosso primeiro contato com o monsenhor Luigi Pescarmona se deu no ano de 2004, quando realizamos algumas incursões na Comissão Pastoral da Terra (CPT) com o objetivo

* Doutorando em Ciências Sociais/UFMG. chicofagundes@gmail.com

de visualizar a dinâmica da atuação da Igreja na área da Diocese de Guarabira/PB. Encontramo-nos no momento de uma refeição e tomamos uns goles de café juntos, enquanto realizamos uma animada conversa. O monsenhor apresentava uma grande demanda em narrar histórias da sua vida e demonstrava bom humor.

Elaboramos um projeto e procuramos o monsenhor para outra conversação, na qual fizemos o convite para realização da série de entrevistas, que quase sempre ocorreram na sala de reunião da CPT e eventualmente na sua residência ou na Comunidade Talita (um abrigo, que se volta para meninas em risco de prostituição infantil).

A opção pela história oral de vida se deveu ao seu caráter de permitir a extrapolação dos limites fáticos restritos das fontes jornalísticas ou de história local, que privilegiaram tão-só os registros escritos. Buscamos em Saltalamacchia (1992) dois fundamentos metodológicos para o nosso trabalho, o primeiro a questão do “sentido” e o segundo o caráter da co-investigação. A definição de “sentido” é feita como:

el lugar que ocupan los hechos en la "estructura de relevancias" que organizan la percepción activa del sujeto. Esa estructura de relevancias está fundada, por supuesto, en los valores, saberes y certezas que, según se supone, el interpelado comparte, en algunos casos, con casi todos sus contemporáneos y en otros con sólo algunos de ellos. Esas estructuras le permiten distinguir lo importante de lo que no lo es, lo repudiable de lo admirable, etc. La historia de vida permite preguntar al entrevistado sobre ese sentido particular que para él tuvieron los actos en el momento de ocurrir.

Já o caráter da co-produção nos sugere que:

El entrevistador, como es lógico, aportará a las entrevistas sus instrumentos analíticos, su entrenamiento en el análisis de situaciones y un conocimiento quizás más global sobre el proceso; conocimiento logrado tanto mediante el previo estudio de fuentes secundarias como de otras entrevistas. Pero, una vez en la relación, ese bagaje es sólo uno de los insumos. La entrevista debe ser entendida como el marco de una elaboración teórica conjunta en la que no necesariamente surgirán acuerdos totales o aprovechamientos semejantes; pero sí interpretaciones que no existían antes de la relación. hipotéticamente un alerta sobre los posibles efectos del paso del tiempo en la estructuración del recuerdo; se pueden analizar las posibles alteraciones que provengan de las varias interferencias a las que nos refiriéramos en el apartado anterior.

Alguns eixos inicialmente fizeram gravitar as nossas entrevistas: a vida na Itália na fase da II Guerra Mundial e o início da vida como padre no Brasil nos anos 60. As duas temporalidades nos traziam uma série de imagens a partir das narrativas do padre, cuja família

tinha vínculo com a resistência italiana ao fascismo, através dos grupos de guerrilheiros *partigiani* (constituídos por uma variedade de tendências políticas, que abarcavam desde católicos, social-democratas e comunistas) atuantes em várias frentes da Península itálica. O segundo eixo nos fez dialogar longamente sobre a sua formação de padre durante o Concílio do Vaticano II, a sua preparação para atuar no Brasil; e, posteriormente, nos detemos mais a sua militância junto a CPT e os camponeses da Paraíba e de alguns municípios do Rio Grande do Norte.

Sobre a tristeza da vida em meio a uma guerra de proporções mundiais que destruiu famílias, acentuou as distâncias políticas entre os patrícios e destruiu uma próspera região produtora de gêneros agrícolas e de vinho, o monsenhor nos narrou:

a minha infância até os 12 anos foi marcada pelas agruras da II Guerra Mundial. Então foi nos anos de 1943 a 1945, que nós sentimos os maiores impactos da beligerância na Itália. Foram anos muito fortes de padecimento, de muito sofrimento. (Expressão facial de lamento) E nós fomos marcados pela resistência ao fascismo e ao nazismo. O Piemonte todo! Mas de maneira especial na nossa área houve a maior resistência: Mussolini não entrou, nunca entrou (risos). Viajava para Turim, para Gênova, para Milão, mas no Piemonte nunca entrou, porque era perigoso (risos).

Interpretamos esse trecho a partir da dualidade tristeza-alegria. A tristeza ao longo da entrevista foi a clara expressão dos traumas de quem experencia uma guerra: hospitais e escolas bombardeadas; pessoas metralhadas; falta de alimentos, dentre outros problemas. O contentamento relaciona-se com a impossibilidade, dado o fator segurança, do ditador fascista trafegar livremente pela região norte da Itália, demonstrando assim a questão da resistência, mesmo em condições desfavoráveis.

Faz-se necessário levarmos em conta a importância da oposição da população piemontesa ao fascismo. Esta área, devido a sua industrialização possuía uma forte tradição comunista entre os trabalhadores urbanos. O norte italiano tinha o seu cotidiano marcado pelas agitações dos trabalhadores com uma organização sindical e partidária fortemente vascularizada, sendo responsável pela eleição para representação parlamentar na fase anterior ao fascismo do próprio Antonio Gramsci.

As impressões sobre a vitória ou a derrota na guerra demonstram ter sentidos muito particulares diante do arbitrário estatal nos acentuando a pujança do cotidiano na história, pois nos exibem relações tantas vezes não apreendidas, quando nos deparamos com textos ou documentários referentes aos conflitos entre as nações envolvidas em conflitos externos ou internos. Acreditamos que esse fato se deve ao caráter vertical (no sentido de se aferrar mais

ao Estado ou as instituições como o exército), cuja perda maior toca as horizontalidades das manifestações cotidianas dos homens e das suas respectivas sociedades. Conforme o seguinte trecho:

Então o meu pensamento foi forjado, na minha casa e na escola, pela concepção de resistência, de uma não aceitação ao governo fascista, devido as suas idéias de guerra. Não aceitávamos que os jovens fossem recrutados para a guerra. Então o antimilitarismo foi muito forte no povo do Piemonte. E quando os jovens eram chamados às armas, à guerra, havia resistência. E quem ia porque queria ir, era uma por uma forte obediência ao Estado. Iam, mas quando rezavam uma oração pela vitória, é porque tanto os amigos quanto os inimigos rezavam pela vitória a Deus. Mas a vitória não era vista como o esmagamento do inimigo, mas como uma volta do esposo ou do filho para casa, para a família, para o trabalho. Não se pedia o esmagamento do outro, pois a volta do soldado era uma vitória antimilitarista. E quando na oração, no cântico para a vitória se expressava o desejo de vencer, esse fato se dava pela necessidade de voltar para casa para trabalhar, para tomar conta da família ou da noiva, ou da esposa e dos filhos. Isso para mim foi muito claro entre os piemonteses. Não vi ódio por parte de quem partia para guerra.

Essa lembrança nos faz lembrar os escritos de Primo Levi (1989), judeu italiano sobrevivente do campo de Auschwitz (Polônia), um dos vários campos de concentração nazistas, cuja indignação o fez ter vergonha de pertencer ao próprio gênero humano, devido as atrocidades de alguns homens, dentre outras questões. A narrativa do monsenhor nos traz aspectos emocionais de amigos ou de familiares, que presenciam a partida de um soldado para o *front*, muitas vezes desconsiderados: como o lamento de quem permanece e o desejo de retornar ao lar de quem parte; sob o imperativo estatal para uma guerra com a qual necessariamente não há concordância ou motivação de combater, senão a preservação da própria vida. A percepção do ódio é então demonstrada pelos “camisas negras”, os fascistas, aos opositores do regime:

Vi ódio na repressão aos resistentes, isto sim! Os resistentes queriam mais a liberdade de não ir à guerra, não sair da própria casa e de não abandonar o trabalho. Isto ficou marcado porque papai era um *partigiano*, era um resistente mesmo. Meu pai foi um resistente que não combateu tanto com as armas, mas na retaguarda. Então ele passava informações aos jovens, que trabalhavam na indústria alimentícia, onde trabalhava (...) Ele tinha de trinta e três a trinta e cinco anos. Então não era mais chamado para a guerra, pois na Itália ia para a guerra, quem tinha de vinte a vinte e cinco anos de idade. A melhor juventude era chamada a se entregar. Então papai não ia porque já tinha bastante idade. E na minha região havia jovens que deveriam estar no exército, mas não foram recrutados pelos fascistas por causa da resistência.

Percebemos ao longo da entrevista a ênfase por parte do monsenhor ao papel desempenhado pela resistência italiana quer pelas sabotagens ao exército fascista, quer pela disposição em colaborar com a queda de uma aliança estruturada com o nazismo. A imagem patente dos *partigiani*, de acordo com as narrativas, assume um papel de desprendimento ante a própria vida como uma colaboração para evitar a expansão do terror nazi-fascista pelo mundo. Chegamos a ouvir a voz grave do padre entoado hinos *partigiani* como “Bella ciao”, “Fischia el vento”, dentre outros.

As ações capilarizadas da resistência demonstraram uma grande eficácia a nível interno na colaboração com os esforços dos Aliados na II guerra mundial. O nosso narrador assim expressou um exemplo dessas modalidades de oposição ao fascismo:

E na firma de alimentícios havia um depósito de farinha. Então meu pai sabia quais eram os sacos que ocultavam a entrada de um esconderijo, onde os jovens se escondiam ao sinal de movimentos das tropas fascistas (...) E perguntaram ao meu pai onde eles estavam, pois não sabiam precisamente onde se localizava o refúgio. Meu pai disse que não sabia. E então, os soldados fascistas o prenderam e o colocaram na praça, visando dar um caráter de punição exemplar. Papai foi acorrentado e posto no chão. E com um tanque de guerra iam quase em cima dele para esmagá-lo. Iam e voltavam. E diziam: *Fale!* E papai não falava. E minha mãe foi me buscar na escola e me disse: *Vamos ver o seu pai.* Eu tinha de oito a dez anos de idade no máximo. E então, da escola eu fui para a praça, escondido. Minha mãe estava despenteada porque a situação era difícil. E o meu pai estava deitado na praça e um tanque quase o matando. A noite chegou em casa, pálido, e a primeira coisa que falou chorando foi: *Não falei! Não falei!* Este fato foi muito forte para minha família. (Demonstração de orgulho pela integridade de caráter paterna)

A infância em meio a guerra demonstrou ser um marco na vida do padre não só devido aos confrontos e as mortes presenciadas, mas também pela forte resistência ao fascismo e pela exemplaridade de dois padres opositores ao regime encabeçado por Mussolini. Sobre essa situação:

A experiência da guerra marcou profundamente o povo italiano, sobretudo as gerações mais novas, que tiveram o papel de restaurar a política nacional depois do período fascista. Os fatos da guerra influenciaram muito a minha vida, inclusive foram decisivos para que eu me tornar um padre. Isso ocorreu porque eu tinha o conhecimento de dois padres que defenderam muito os resistentes. Muitos jovens foram salvos da guerra, de ser conduzidos ao *front* pela ação do padre Carlos e do padre Demétrio. O padre Carlos era da minha cidade, de Canale, e padre Demétrio de outra cidade, que agora não recordo o nome. Mas eles fizeram a opção de defender os resistentes.

Sobre a reestruturação italiana depois do conflito, obtivemos algumas referências, que demonstram o nível de participação das pessoas na política: os traumas em relação ao fascismo e os temores diante de um outro governo que pudesse flertar com uma feição autoritária, no caso específico dos comunistas simpáticos a Joseph Stalin. Segundo o monsenhor Luigi Pescamona:

as eleições de 1948, que foram decisivas para a Itália, porque havia a possibilidade do comunismo entrar pela idéia, por eleição na Itália. E não entrou por acaso. Então o comunismo ficou por quarenta anos numa oposição legal, firme, mas sem revolução numa atuação mesmo partidária. Estavam numa oposição democrática. Mas em 1948, os comunistas estavam na hora de ganhar, mas erraram no modo de fazer a propaganda, a publicidade. Salientaram muito o *eliminar*: eliminaremos a Igreja, eliminaremos não sei o que. Então não calcularam a base católica histórica da Itália, que aquele comunista importante que morreu antes, que foi preso pelo fascismo...Antonio Gramsci, dizia: *Na Itália o comunismo tem que tomar conta, tem que calcular que a base é católica*. Se tivessem observado essa parte e eliminado a críticas religião, à Igreja (...) Porque qualquer italiano como comunista manda os filhos estudar em escolas católicas (...) Foi nesse clima de efervescência política, no ano de 1948, quando eu ainda era criança, que ficava circulando pelas ruas e presenciando as manifestações políticas na minha cidade.

É importante destacar que as disputas entre os comunistas e os fascistas foram tão acentuadas nos anos anteriores a II guerra mundial e nos posteriores, pois mesmo nos dias atuais as balizas entre “esquerda” e “direita” ou entre “comunistas” e “fascistas” ainda demarcam fronteiras para o italiano médio.

Um aspecto significativo para constituição da trajetória de vida do monsenhor Pescarmona foram as socializações primárias e secundárias firmadas em campos políticos sinalizados pela esquerda. Essa condição permite-nos referenciar a partir de Fentress e Wickham (1992) que a memória é sempre social, pois os homens não são autômatos, mas autônomos. Por outro lado, é necessário considerar uma dimensão da memória cuja expressão também se delimita pela herança dos acontecimentos marcantes da classe do núcleo familiar (CONNERTON, 1993). Inicialmente a casa junto ao pai, um socialista; na seqüência as experiências em Minas Gerais durante a ditadura militar e, por fim, os vínculos com os movimentos políticos dos camponeses na Paraíba. Embora, esses vínculos tenham sido estabelecidos com os grupos de esquerda, havemos de perceber uma relação de equidistância, na medida em que o próprio Concílio do Vaticano II fazia críticas ao capitalismo no sentido de reformá-lo para garantir a dignidade entre os homens.

A Igreja ciente do caráter universalista da religião não quis se prender a dimensão de exclusividade para uma “classe”, mas para o seu rebanho sem fazer distinções. Este é um

primeiro ponto que identificamos no que se refere aos limites da TL entre os religiosos e no caso do monsenhor Pescamona, especificamente. Um dos fatores confirmadores dessa nossa análise foi a nova romanização realizada pelo Papa João Paulo II, cujo alvo foi a TL, implicando em sanções contra alguns teólogos e na saída de alguns outros das suas fileiras, a exemplo de Leonardo Boff. Entre os leigos este fator resultará na formação de um movimento social com um maior *quantum* de autonomia, mesmo mantendo abertura para dialogar com CNBB e com a CPT. Estamos nos referindo ao MST.

O segundo eixo das nossas entrevistas foi o da formação contemporânea ao Vaticano II e a sua vinda para o Brasil. Aqui nos defrontamos com alguns elementos sobre uma rígida formação em um seminário italiano, as expensas do pai e de um irmão. O monsenhor nos destacou a qualidade da formação proporcionada aos seminaristas, pois o seminário possuía professores de renomadas universidades européias como as de Budapeste, de Louvain ou de outras localizadas na Alemanha. Segue a narração:

Eu entrei para o seminário com catorze anos. Pelos meus cálculos foi por volta de 1951-52. Eu estava na 8^a. série. Então eu quis continuar no seminário, que era pago, tal qual um colégio particular. Os estudos no seminário eram caros. Diziam-me às vezes: *Você não vai pagar!* (risos). Mas eu recebi ajuda, né? Recebi ajuda de papai, do meu irmão, logo depois de mim, que trabalhava muito para me ajudar a dar conta dos estudos, para pagar o seminário, os livros...No período em que estava no seminário me senti influenciado pela democracia cristã. À época dois países na Europa se destacaram com dois grandes representantes da democracia-cristã: a Itália, com De Gasperi, e a Alemanha, com Adenauer. Os dois fundaram o Partido Democrata-Cristão, tanto na Itália como na Alemanha e conseguiram grande popularidade. Ambos eram remanescentes de grupos de resistência ao fascismo e ao nazismo. E os dois eram católicos fervorosos. Então, quer dizer, isso influenciava muito, muito, muito, tanto a política italiana, como a Igreja, né?

Encontraremos mais elementos para o entendimento de uma formação religiosa atenta as questões políticas do mundo inteiro. Conforme nos foi narrado:

No nosso seminário havia uma ligação muito grande com a história contemporânea. Recebíamos informações explícitas, abertas, sobre o mundo, sobre os diversos países: sobre a China, a Iugoslávia, a Rússia, a África, a América do Norte... Os movimentos que havia contra o fascismo... Não passava nada despercebido! (...) Todo o movimento político ou de revolução ou de blocos (...) Nós sabíamos, líamos... Por exemplo, eu era um não-alinhado sobre pensamento, entre os blocos, do Muro de Berlim para lá e para cá! Eu era um não-alinhado! Eu acompanhava com atenção os países, que estavam emergindo, a exemplo da Iugoslávia, do Egito de Nasser, da Argélia de Ben Bella (...) O antimilitarismo, que eu bebi como leite ficou muito forte no meu posicionamento político. Então, nunca,

nunca, nunca, pensei de uma maneira servil: os vitoriosos são os americanos, somos os americanos, né? Os russos são os vitoriosos, somos os russos, né? Procurei manter vivo o meu senso crítico em todos os momentos. (Demonstração de vivacidade)

Acreditamos que essas percepções refletiram na busca pela autonomia e pela garantia da preservação de um *habitus* da região piemontesa, a firmeza da opinião em relação aos princípios pessoais, beirando a teimosia. Essa condição possibilitou a presença em momentos políticos marcantes, demonstrando uma prática de construção da cidadania. O monsenhor rememorou que:

E quando em 1960 houve um governo filo-fascista, isto é, depois de anos e anos as pessoas voltavam a defender idéias fascistas. Eu me lembro que era um seminarista, perto já da batina, e fui para uma manifestação em Parma, a cidade da indústria Parmalat, para demonstrar o meu repúdio ao fascismo. Fui com um grupo de seminaristas para participar de uma manifestação contra o governo filo-fascistas. Havia tambores, tambores, que fazia muito barulho para demonstrar a indignação dos manifestantes contra as idéias da extrema-direita. No seminário não passava nada do mundo ou da Itália despercebido...Fui ordenado em setembro de 1961, em Alba. Lembrando que o Concílio de Vaticano II iniciou em 1962. E eu estreei no Brasil em 1966.

Retomando a idéia de um *habitus* piemontês, frisou:

Em verdade, acredito que a condição de ser proveniente da região do Piemonte me ajudou muito nessa escolha de trabalhar com os grupos marginalizados. Afinal, desde a tenra infância aprendi a não ter medo. Essa é uma característica da gente piemontesa. Embora, estivesse me estabelecendo numa área de injustiças sociais, de violência no campo, tinha no meu espírito raízes fortes. Há na minha vida uma fundamentação mística, uma formação ideológica, uma visão social e uma visão crítica da história e da própria vida, né? Há também algum humor. Gosto ainda de escutar cantos regionais italianos. (Demonstração de firmeza em relação aos princípios)

A vinda para o Brasil foi fruto de alguns contatos no ano de 1965 com o bispo de uma Diocese recém-criada, a Teófilo Otoni, que estava participando do Concílio do Vaticano. A nova área episcopal necessitava de padres, devido à dispersão da população. A Igreja realiza cursos preparatórios para os padres que vinham para América Latina. Conforme o relato,

Informe-me e fique sabendo que havia um curso, em Roma, de preparação para América Latina, com quinze dias de atividades. E logo me inscrevi. Era em setembro-outubro. Fiz estudos sobre a América do Sul e o Brasil, também. Não me falaram nada do golpe de Estado. Estudamos mais os aspectos sociológicos e religiosos. Não falaram nada do político. Acho que

não haviam ainda se dado conta ainda, pois estávamos em 1965 e o golpe havia ocorrido em 1964. Então, não haviam dado conta ainda daquilo que iria acontecer. Ainda era inicial. E também a Igreja, com medo do comunismo, não percebeu onde havia caído. Então nos quinze dias, estudamos a sociologia das religiões do Brasil, as cidades. E eu, então em 1965, aceitei e fiz um contrato com o bispo, que me enviava na Itália, e com o bispo, que me recebia, e me aceitava em Minas Gerais.

Provavelmente, os mestres da Igreja, por se encontrarem em uma fase de transição, não se detiveram na discussão sobre os golpes de estado na América Latina. O trabalho do padre deu-se no sentido de atender mais imediatamente as necessidades espirituais dos fiéis no nível de paróquia. Como foi lembrado:

Por isso, os primeiros anos foram só de adaptação, de conhecimento. Conhecer fulano, para trabalhar com fulano. Então, em 1969 não havia uma linha, havia uma abertura. Escutava, lia, participava de encontros. Mas depois de 69, em 70 eu estava decidido em participar em uma linha popular de mudança de governo. Havia uma necessidade premente de se constituir no Brasil um governo que verdadeiramente criasse oportunidades para todos. E também procurei me aproximar mais dos estudantes e dos trabalhadores. Nos anos 60 em Minas Gerais já havia feito a sua expulsão de pequenos produtores e sítiantes dos campos. E os campos estavam cheios de fazendas, quase que vazias de pessoal. A diferença é que no Nordeste a expulsão é posterior. Aqui os campos ainda estavam cheios de famílias. Lá em Minas muitos haviam partido para Rondônia, para o Maranhão, por conta do projeto do governo militar de *Integrar para não entregar*. Então, na minha área de Teófilo Otoni e naquelas bandas de Minas havia ônibus e caminhões, que seguiam diariamente para Rondônia, para o Maranhão e outros estados. E depois aquele projeto do governo tornou-se um fracasso.

O final da década de 1960 serviu como uma primeira experiência para a percepção dos problemas de ordem social no Brasil. Queremos salientar um ponto em relação à citação passada, em relação à pergunta feita sobre a participação política no Brasil a referência a decisão de participar em uma linha popular de mudança de governo e também a “necessidade premente de se constituir no Brasil um governo que verdadeiramente criasse oportunidades para todos”. Essa demanda esteve fortemente presente nas preocupações dos simpatizantes da TL, sendo uma forma alternativa de falar da “opção preferencial pelos pobres”. Destarte, o religioso concluiu a sua narrativa:

porque nós iniciamos em 1967-68 ao ponto de sermos chamados de “padres de passeata”, porque acompanhávamos os estudantes da UNE nas manifestações estudantis, que possuíam questões ideológicas boas. Então, nós acompanhávamos... Então a imprensa e até mesmo os bispos nos chamavam de “padres de passeata”. Não assustava se o bispo de Belo Horizonte torcia pelo Galo (Atlético Mineiro), mas se assustavam quando nós torcíamos pela UNE (risos).

Ou ainda:

Nos anos 60 em Minas Gerais já havia feito a sua expulsão de pequenos produtores e sitiante dos campos. E os campos estavam cheios de fazendas, quase que vazias de pessoal. A diferença é que no Nordeste a expulsão é posterior. Aqui os campos ainda estavam cheios de famílias. Lá em Minas muitos haviam partido para Rondônia, para o Maranhão, por conta do projeto do governo militar de *Integrar para não entregar*. Então, na minha área de Teófilo Otoni e naquelas bandas de Minas havia ônibus e caminhões, que seguiam diariamente para Rondônia, para o Maranhão e outros estados. E depois aquele projeto do governo tornou-se um fracasso.

A indignação com as dificuldades oriundas do modelo econômico adotado nos governos militares davam claros sinais, através das migrações, que resultavam na fragilização de comunidades, bem como pelo fato de acentuar as condições de miséria e de pobreza.

Em curso a transferência para a Paraíba (1977), depois de alguns anos de aprendizagem da língua portuguesa, da necessidade de dissolução de um grupo homogêneo de padres italianos (falantes do dialeto piemontês) e dos caminhos a ser seguidos na via da TL. Sobre a chegada e realização do trabalho junto a Dom Marcelo em uma diocese marcada pela presença de padres estrangeiros, excetuando dois brasileiros, o padre Joaquim (de Araruna) e o Eptácio (da Serra da Raiz), recordou que a Igreja era mais sacramentalista em 1977. Porém a situação ganhou nova configuração a partir de 1979, quando o monsenhor apresentou :

a Dom Marcelo um mapa da Paraíba num isopor, marcando várias comunidades com alfinetes de cabeças coloridas: amarelo, verde, vermelho, negro e azul. Eram cinco níveis, que marcavam visualmente a situação da paróquia da catedral de Guarabira, junto com Araçagi, Pilõeszinhos, Cuitegi, Alagoinha. Então, apresentei dentro de dois anos, 79 e 80, este mapa visual, que havia o nome do lugar, o alfinete e a legenda, que trazia um diagnóstico da situação. Suponhamos: comunidade onde só havia terço, novena, festa de padroeiro; comunidades que, além disso, se reunia para discutir os problemas locais; comunidades onde havia discussão e enfrentamentos de problemas e exigências, com reuniões e mobilizações; e, por fim comunidades que são abertamente envolvidas com a questão trabalhista, agrária ou a questão da mulher, que eram pontuadas com uma cor mais forte, o vermelho, né ? Então essas cores demonstravam que uma dada comunidade estava ligada a um ou a outro aspecto.

Destarte, alguns padres (Cristiano, Celestino, Leonardo) se empenharam na construção de experiências junto ao projeto de uma Igreja mais voltadas para os problemas dos pobres. O monsenhor Pescarmona se voltou prioritariamente para as questões referentes à organização dos trabalhadores rurais no que denominou como a imagem de um tripé: a organização das comunidades; a constituição de chapas para eleições dos sindicatos de trabalhadores rurais

(STR) isentas da cooptação dos proprietários rurais; e as discussões iniciais sobre um partido ainda novo, o Partido dos Trabalhadores (PT).

A partir daí várias foram as “estratégias de subversão”, no sentido bourdieusiano¹, adotadas para mitigar as condições de miséria rural, que passaram por obras em algumas comunidades, como pequenos açudes; resistências as expulsões de trabalhadores rurais das terras de trabalho, após a morte do proprietário e da partilha entre os herdeiros, ou das dispensas dos camponeses do trabalho, após a limpeza dos terrenos para o plantio de capim, no caso da expansão da atividade criatória, ou da cana, que atendia ao setor sucro-alcóoleiro; coordenação de “entradas” (no sentido de ocupações) em áreas, onde os camponeses haviam sido expulsos; organização de movimentos como o Movimento das Mulheres Trabalhadoras (MMT), no caso das mulheres camponesas, que se deslocavam de municípios vizinhos a Guarabira e não tinham um salário digno; romarias da terra; acampamentos de camponeses em praças públicas de João Pessoa, com o objetivo de denunciar a lentidão dos processos de reforma agrária; manifestações em quartéis ou delegacias como forma de denunciar prisões arbitrárias de camponeses ou de membros da CPT; realização de programas de rádio, com o objetivo de fazer uma leitura da Bíblia, sob a ótica da TL; publicação de livros de cânticos com as músicas cantadas pelos camponeses, objetivando popularizá-las para que fossem também cantadas nas missas; e, finalmente, a criação de um abrigo para acolher meninas vítimas da prostituição infantil oriundas de municípios de estados do Nordeste do Brasil (especialmente da Paraíba e do Rio Grande do Norte), a Comunidade Talita.

A partir das narrativas do monsenhor, pudemos verificar que o trabalho junto a CPT e aos camponeses se estendeu do final da década de 1970 até os anos da década de 1990.

A sua militância ao lado dos camponeses resultou em tentativas de atentados contra a sua vida, além de ameaças e trotes com o fim de contenção do trabalho com os camponeses. Ademais, o monsenhor respondeu processos na justiça, inclusive um de expulsão baseado na extinta Lei de Segurança Nacional, que virou jurisprudência no final da década de ano 1990. A disposição dos proprietários em realizar violências resultou na morte de um participante de uma romaria da terra e da presidente do STR de Alagoa Grande (1983); torturas de camponeses; tiros de carabinas de calibre 12 contra mulheres e crianças (Dona Inês e Campo de Santana); prisões arbitrárias; acusações de estar organizando movimentos com táticas de guerrilha; abortos de mulheres em despejos; necessidade de cirurgias reparadoras em crianças, após a desocupação de áreas; destruições de casas e de plantios, dentre outras.

¹ Ver: LOYOLA, Maria Andréa. *Bourdieu e a sociologia...*

Em contrapartida, a organização da CPT e dos camponeses resultou em cerca de 48 assentamentos na área da Diocese do Brejo. A partir da luta pela terra, com a concretização da reforma agrária, coube a CPT a captação de recursos junto a entidades estrangeiras e a mediação junto ao Estado com o objetivo de facilitar e garantir o êxito de outra fase na construção e consolidação dos assentamentos, a chamada “luta na terra”, para dar viabilidade a um projeto de reforma da sociedade, o de uma sociedade mais justa, que nos reforçou com essa experiência de pesquisa, a sensação de estar sempre além da linha do horizonte, especialmente nos tempos de economia globalizada.

FONTES UTILIZADAS:

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Lisboa: Celta, 1993.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992.

LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 1989.

_____. *La tregua*. Torino: Einaudi, 1989.

LOYOLA, Maria Andréa. Bourdieu e a sociologia. In: _____. Pierre Bourdieu: entrevistado por Maria A. Loyola. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 63-86

SALTALAMACCHIA, Homero. *La Historia de Vida: Reflexiones a partir de una experiencia de investigación*. Puerto Rico: Ediciones SIJUP, 1992 (Colección Investigaciones).

ENTREVISTAS: Monsenhor Luigi Pescarmona, coordenador da CPT/Guarabira.